

1. Introdução

No século XIX, os jornais eram a expressão de uma sociedade em mudança, um instrumento utilizado por homens da ação política na esfera pública. Os periódicos divulgavam notícias, funcionavam como palco para calorosas polêmicas sobre a Constituição, as Liberdades Individuais, a Educação, a Língua Nacional, apontavam também os diferentes caminhos para a construção de um novo país, de uma nova República. Essas publicações possuíam um caráter parcial, panfletário, fundamentalmente político em sua essência. É o registro dessa imprensa que nos permite observar os vestígios, os fragmentos de um tempo passado que não conhecemos mais. Hoje, esses jornais fornecem indícios de uma época, mostram as intensas transformações sociais, políticas e culturais, vividas por uma cidade, por uma província, por um povo e por uma nação.

Os intelectuais românticos de 1837 na Argentina tiveram uma atuação vigorosa em diversas publicações periódicas na primeira metade do século XIX. O principal objetivo, impresso à tinta carregada nas páginas dos jornais, era a luta pela construção da nova nação argentina. Essa geração foi composta por Esteban Echeverría, Juan Bautista Alberdi, Juan Maria Gutiérrez, Domingo F. Sarmiento, Vicente Fidel Lopez, Bartolomé Mitre, José Marmol, Félix Frias, entre outros. Para eles, a imprensa era mais do que um meio para garantir sua sobrevivência, os periódicos funcionavam como uma ferramenta, muitas vezes descrita como uma arma de guerra, utilizada para criticar e derrubar governantes, divulgar projetos constitucionais e promover a civilização frente à barbárie. A opinião pública, a censura aos periódicos, a liberdade de impressão, a preocupação com o reduzido número de leitores, assim como a própria imprensa, foram temas discutidos à exaustão pelos intelectuais românticos. Em especial por um deles, que teve a sua própria trajetória de homem público, diretamente, relacionada ao ofício de “periodista”: Domingo Faustino Sarmiento.

Sarmiento foi o mais articulado observador do desenvolvimento da imprensa e da relação dos jornais com a política. O entendimento do papel da imprensa como uma importante ferramenta de mediação de notícias e ideias,

associado a uma prosa eloquente, transformaram o argentino em um poderoso escritor. As habilidades jornalísticas e políticas de Sarmiento fizeram dele uma força a ser reconhecida e, principalmente, analisada. Os escritos do jornalista despertavam a popularidade e o ódio entre seus adversários. Mais do que qualquer outro na América Latina, compreendeu o verdadeiro potencial da imprensa como um veículo para realizar reformas sociais e políticas na sua época.¹

Uma análise sobre os escritos de Sarmiento nos permite refletir sobre qual foi a função das publicações periódicas nesse momento e observar as motivações e os medos que levaram toda essa geração a falar tanto sobre imprensa. Mas os jornais influenciaram a realidade ou apenas repercutiram os fatos do cotidiano de um tempo passado? As publicações periódicas tinham a função de “instruir a população, de levar civilização aos locais onde a barbárie predominava”, de combater governos e formar uma ainda pequena, porém crescente, opinião pública. Todos os jovens românticos, em especial Sarmiento, acreditaram no papel dos jornais como elementos determinantes na cena política.

Além de Sarmiento, a imprensa também foi extensamente discutida por outro grande intelectual da geração de 1837 - Juan Bautista Alberdi. Sarmiento e Alberdi travaram um intenso debate sobre o papel dos jornais em documentos que ficaram conhecidos como *Las Cartas Quillotanas* e *Las Ciento y Una*. Mas para esses homens, por que a imprensa era uma ferramenta fundamental na primeira metade do século XIX? Quais eram as crenças e os valores dessa geração romântica que foram impressos nos periódicos na América Hispânica naquele momento? De que forma a imprensa ajudou a dar forma aos acontecimentos que registrava no período? Para encontrar a resposta para essas questões foram analisados diversos artigos, escritos por Sarmiento, em publicações como *El Zonda*, *El Progreso*, *El Mercurio*, *El Nacional* e *La Cronica*; além dos textos de toda a polêmica travada com Alberdi. O que esses documentos têm em comum? Falam de imprensa, falam de opinião pública, destacam uma crença fundamental nos periódicos como uma ferramenta para a civilização, para o progresso e para a modernidade.

¹ Cf. JÁKSIC, I., *Sarmiento and the Chilean Press, 1841-1851*, p. 32.

A ação chave presente nas publicações periódicas no século XIX era o verbo “discutir”. A tarefa primordial dessa imprensa não era informar, mas suscitar os debates que agitavam a vida pública na época. Os jornais foram a principal fonte para se fazer política naquele momento e repercutiram todos os conflitos políticos e sociais que surgiram na Argentina e na América Hispânica com os movimentos pela Independência.

Decir que esta prensa era política, de opinión o partidaria sería una redundancia. Aunque informara, esa distaba de ser su meta. La prensa irrumpió con fuerza en America Latina con los conflictos políticos e ideológicos que rodearon la Independencia y continuó siendo a lo largo del siglo, y aún entrando en el siguiente, uno de los principales ámbitos de discusión pública y una de las principales formas de hacer política. Y aunque inevitablemente defraudados, muchos de quienes escribían afanosamente en ella depositaran en su existencia la esperanza de que la discusión apaciguara las luchas persistentes. Además de protagonistas en la vida política de la historia del siglo XIX, la prensa también se convirtió en una de las principales varas con las que se midió el grado de libertad de uno gobierno y el nivel de ‘civilización’ de una sociedad.²

Essa imprensa, que representava o grau de liberdade de um governo e o nível de civilização de um povo, abarcava uma grande variedade de materiais impressos: panfletos, cartazes, livros, folhas volantes³ e revistas. Os panfletos e os periódicos de curta duração foram os mais utilizados na primeira metade do século XIX, especialmente, em momentos de forte censura. Exatamente, o cenário que contribuiu para os debates travados pela geração romântica argentina.

1.1. A nova história da imprensa

Nas últimas décadas, a imprensa tem alcançado cada vez mais um papel singular na área de pesquisa histórica. O renovado interesse em torno das publicações periódicas foi definido por alguns historiadores como “a nova história da imprensa” e ocorreu, principalmente, em virtude da popularidade de textos como os de Jürgen Habermas e Benedict Anderson.⁴ Esses autores ampliaram a discussão em torno da função da construção de uma esfera pública e do papel dos

² ALONSO, P., *Construcciones Impresas. Panfletos, Diarios y Revistas en la Formación de los Estados Nacionales en América Latina, 1820-1920*, p. 8.

³ As folhas volantes eram papéis únicos que podiam trazer artigos, ou textos divididos em colunas.

⁴ Cf. Habermas, J., *The Structural Transformation of the Public Sphere. An Inquiry into a Category of Burgeois Societ*; Anderson, B., *Comunidades Imaginadas*.

jornais como componentes chaves para a análise de uma realidade histórica. Nos estudos sobre América Hispânica, a importância do jornalismo na vida pública e intelectual do século XIX foi também destacada por inúmeros autores como François Xavier-Guerra, José Luis Romero, Rafael Gutiérrez Girardot, Júlio Ramos e Hilda Sabato. Todos eles postularam a função decisiva dos jornais na consolidação das nações na América Latina.

O lugar central que a imprensa ocupou nos debates sobre uma renovação historiográfica superou uma perspectiva limitada que identificava as publicações periódicas apenas como portadoras dos “fatos” e da “verdade”. Os jornais funcionavam como “enciclopédias do cotidiano” e foram, durante muito tempo, vistos como registros fragmentários do presente, repletos de textos que expressavam paixões, interesses e compromissos, fornecendo apenas imagens parciais e subjetivas da realidade.⁵ No entanto, com a ênfase de elementos culturais na escrita da História, os periódicos tiveram seu papel redimensionado.

As novas pesquisas tentavam identificar as aspirações e os valores que moldavam uma sociedade; quais eram as demandas sociais, políticas e estéticas das cidades; quais eram os conflitos e os esforços das elites, assim como o impacto da produção cultural dentro de um determinado contexto. Na busca por respostas, historiadores passaram a recorrer as páginas dos jornais que ofereciam um panorama mais amplo sobre os projetos sociais e políticos articulados dentro de um determinado momento.

Para o autor Michel Winock, os jornais nos permitem conhecer as inflexões e os nuances de um contexto histórico. “É de fato o jornal que constitui a fonte mais rica, a mais esposa das inflexões da época, as nuances da conjuntura, e reflete as relações na sociedade, em suas tentativas de coerência entre a ‘doutrina’ e os ‘fatos’”.⁶ Nos periódicos estão os discursos e as expressões dos protagonistas de uma época, através deles podemos buscar novas perspectivas e um olhar diferenciado para a análise dos processos históricos.

⁵ Cf. LUCA, T. R., *A história dos, nos e por meio dos periódicos*, p. 112 e 113. No artigo, a autora percorre qual foi o papel desempenhado pelos jornais na historiografia do século XX e destaca trabalhos importantes sobre o tema no Brasil.

⁶ WINOCK, M., *As Ideias Políticas*, p. 282.

A imprensa tanto constitui memórias de um tempo, as quais, apresentando visões distintas de um mesmo fato, servem como fundamentos para pensar e repensar a História, quanto desponta como agente histórico que intervém nos processos e episódios, e não mais como um simples ingrediente do acontecimento.⁷

A ampliação de abordagens na pesquisa histórica fez com que a imprensa conquistasse um espaço tanto como fonte documental, como próprio objeto de pesquisa. Como assinala Robert Darton, a imprensa ajudou a dar forma aos acontecimentos que registrava e se tornou uma força ativa na História. É inquestionável seu papel na análise de diferentes realidades.⁸ No presente trabalho, pretendo apontar como a imprensa interagiu diante de uma complexa realidade no período de formação das nações na América Hispânica, representando as práticas sociais, os imaginários e os debates políticos que marcaram a sociedade na Região do Prata na época.⁹

1.2. Quem eram os leitores da “opinião”?

Um dos estudos mais representativos sobre a relação da imprensa com os movimentos de independência das ex-colônias espanholas é o livro *Modernidad e Independências*, de François Xavier-Guerra, publicado em 1992. Guerra destaca a atuação das publicações periódicas dentro de um processo de modernização da sociedade. O autor insiste que o progresso em direção a modernidade ocorreu, principalmente, por causa da difusão das letras e do papel protagonizado por uma imprensa extremamente ativa. Segundo Guerra, há um vasto campo de estudo para se pensar no imaginário social e político da época revolucionária no mundo

⁷ NEVES, L. M. B.; MOREL, M.; FERREIRA, T. M. B. (Orgs.). *História e Imprensa*, p. 10.

⁸ Cf. DARTON, R.; ROCHE, D. (Orgs.), *Revolução Impressa: a Imprensa na França, 1775-1800*, p. 15.

⁹ É importante ressaltar alguns trabalhos historiográficos que se debruçaram sobre os diferentes tipos de publicações impressas e não apenas os jornais. Uma dessas pesquisas foi apresentada por Bernard Bailyn e resultou no clássico livro “*As origens ideológicas da Revolução Americana*”, publicado em 1967. O autor realizou uma extensa análise de panfletos da época da Revolução Americana, investigou documentos que incluíam toda a forma de escritos – tratados sobre teoria política, ensaios sobre história, argumentos políticos, sermões, correspondências e poemas. Em 1987, Richard Brown publicou *Knowledge is Power: The Diffusion of Information in Early America*. Na obra, ele analisa os principais mecanismos e a forma como a informação e o conhecimento foram difundidos na sociedade americana de 1700 a 1865. Para Brown, as variações no padrão da imprensa podem representar o sintoma de uma transformação mais ampla, mas não necessariamente fazem dela um agente de mudança.

hispânico. Esse contexto revela o triunfo do indivíduo, o triunfo de homens que exerceram o papel tanto de autores como de protagonistas da História.

Segundo o autor, no período das independências americanas, o termo “opinião” tornou-se uma das palavras chaves da política moderna e a expressão invadiu rapidamente o discurso patriótico.¹⁰ A imprensa foi um fator determinante na formação da opinião da sociedade mexicana durante a guerra pela independência. Não só o aumento na circulação, como o consumo de diversos tipos de publicações contribuíram para as drásticas mudanças que ocorreram na sociedade mexicana entre os séculos XVIII e XIX.

A formação da opinião pública na primeira metade do século XIX é outro fator extremamente importante em qualquer análise sobre o período, principalmente, quando falamos de imprensa. A autora Hilda Sábato destaca que na América Hispânica o termo “opinião pública” foi um conceito polissêmico que abarcou diferentes significados. As definições iam desde a compreensão da opinião como única e monolítica, até aquelas que concebiam a expressão como um agregado de vontades e posições, resultado de diferentes opiniões. Para Sábato, no século XIX, apesar das noções de dissidência e diversidade de opinião, havia uma preferência pelo termo como significado do que era comum e representativo para o todo social.¹¹

Sábato enfatiza que as elites pós-revolucionárias concebiam a opinião pública como a expressão da vontade dos cidadãos, originada no meio dos novos âmbitos de sociabilidade. A autora afirma que, em termos conceituais, a “opinião” se associava a um público abstrato de indivíduos, mas na prática se convertia em uma instância disputada por diferentes grupos que interferiam no rumo da ação política em nome de um público concreto. Para a autora, a formação da opinião pública procedia das elites letradas e era, sobretudo, monopolizada por grupos minoritários que materializavam suas ideias em instituições como a imprensa.¹²

¹⁰ Cf. GUERRA, F.X., *Modernidad e Independencias*. Ensayos sobre las Revoluciones Hispánicas, p. 296 a 305.

¹¹ Cf. SÁBATO, H. *Ciudadanía Política y Formación de las Naciones*, p. 26.

¹² Cf. SÁBATO, H. *La Reacción de América: la Construcción de las Repúblicas en el Siglo XIX*.

A aparição do termo “opinião pública”, na Região do Prata, foi resultado da crise de legitimidade da monarquia espanhola de 1808 a 1814. No entanto, a expressão possui uma história semântica que está vinculada ao progresso da Ilustração na Europa, ao debate sobre liberdade de imprensa, a evocação de uma soberania popular e à discussão sobre a representação política no antigo continente. Na América Hispânica, o crescimento das publicações periódicas contribuiu para a difusão do termo. A imprensa reproduzia os problemas e os anseios que atravessaram vertical e horizontalmente toda a sociedade. As associações e as publicações periódicas geravam espaços de interlocução entre o Estado e uma elite letrada, dando lugar à formação das esferas públicas. A arena política se converteu em um local de confrontação onde os atores operavam para ganhar, com o intuito de conquistar um público cada vez mais amplo.

As elites pós-revolucionárias concebiam a “opinião pública” como a expressão da vontade dos cidadãos, originada no âmbito dos novos espaços de sociabilidade. A formação dessa opinião era proclamada pelas elites letradas e foi, sobretudo, uma instância monopolizada por esses mesmos grupos minoritários.¹³ Mas e o restante da população? Pensar em opinião pública é se questionar para quem, de fato, se dirigiam as páginas dos jornais; quais eram os cidadãos que compunham esse cenário político e de que forma eles interagiram e vivenciaram essa realidade.

Os trabalhos de François Xavier-Guerra e Hilda Sábato foram fundamentais para a compreensão do período e a elaboração dos questionamentos sobre o papel das publicações periódicas na Argentina e na Região do Prata. É importante ressaltar que as investigações sobre a imprensa e a análise de opinião pública lidam com questões complexas e buscam uma profundidade histórica, nem sempre fácil de se recuperar ou reconstruir. As poucas informações e a insuficiência de documentação dificultam, muitas vezes, indicar como foi a reação

¹³ Para ver mais: SÁBATO, H., *La Reacción de América: la Construcción de las Repúblicas en el Siglo XIX; Ciudadanía Política y Formación de las Naciones*; Prensa, Asociaciones, Esfera Pública (1850-1900). In: *Historia de los Intelectuales en América Latina*; QUIRÓS, P. G. B., *Civilidad y Política en los Orígenes de la Nación Argentina. Las Sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862*; LETTIERI, A., *La Construcción de la República de la Opinión*. Buenos Aires Frente al Interior en la Década de 1850; ALONSO, P., (Comp.). *Construcciones Impresas. Panfletos, Diarios y Revistas en la Formación de los Estados Nacionales en América Latina, 1820-1920*.

de uma sociedade diante de um determinado episódio. Uma opção para os historiadores é recorrer aos registros da época, escritos no calor dos acontecimentos, para buscar algum vestígio daquela realidade.

Marc Bloch afirma que a História consiste não apenas em saber como os acontecimentos ocorreram, mas como eles também foram percebidos. O papel do historiador é ir o mais longe possível na via do conhecimento sobre o passado. Por isso, revelar como a imprensa foi definida e observada numa determinada época, pode nos mostrar as práticas que permearam todo um contexto histórico.¹⁴ Nessa direção, a proposta dessa pesquisa é assinalar por que uma elite intelectual que se deparou com um cenário de fortes guerras civis, censura, exílio, criação de um país e de uma identidade no século XIX, falou tanto sobre liberdade de opinião e de imprensa. É remontar quais são as imagens da vida política e social que emergem dos escritos daquele momento.

1.3. Através dos escritos do século XIX

Os textos são peças essenciais para revelar os mecanismos e os cenários de uma época, eles estão diretamente relacionados ao contexto linguístico em que foram produzidos. Dessa forma, a contribuição dos estudos da escola inglesa de história do discurso é extramamente relevante. Diante dos escritos do século XIX, as metodologias utilizadas por Quentin Skinner e J. G. A. Pocock nos auxiliam com práticas importantes para a pesquisa histórica.

Quentin Skinner foi um dos primeiros autores a destacar que a investigação histórica não pode ficar presa apenas ao texto, a pesquisa precisa apontar também o contexto, no qual foi produzido o discurso. O historiador deve estar atento para o vocabulário político produzido dentro de um período. O esforço inicial de Skinner é mostrar que era um erro frequente analisar e pensar textos passados com ideias e expectativas do tempo presente, fazendo com que muitas interpretações do discurso não correspondessem ao que de fato os autores estavam querendo

¹⁴ Cf. Artigo sobre “*Opinião Pública*” de Jean-Jacques Becker, publicado no livro *Por uma História Política* com organização de René Rémond, p. 185 a 211.

dizer. Para Skinner, o historiador tinha que lidar com a dificuldade de investigar e classificar o desconhecido com base no conhecido. O significado de um conceito, uma doutrina ou um tema amplamente utilizado está diretamente atrelado ao seu momento histórico. O autor enfatiza:

Mi método consistirá en revelar en qué medida el estudio actual de ideas éticas, políticas, religiosas y otras semejantes está contaminado por la aplicación inconsciente de paradigmas cuya familiaridad, para el historiador, encubre carácter esencialmente inaplicable al pasado.¹⁵

O conhecimento do contexto linguístico, ao qual pertence um texto, proporciona uma ajuda considerável para evitar associações anacrônicas. Segundo Skinner, também é tarefa do historiador captar para qual tipo de sociedade esse autor escreveu e qual foi a sua intenção de convencê-la. Os trabalhos de Skinner indicam a necessidade de realizar uma análise do autor, do texto e do contexto, dessa forma, é possível mostrar como um determinado escritor se relacionou com a experiência social. No entanto, a ênfase da teoria é na individualidade autoral. Segundo Skinner, a construção discursiva de um autor pode ser o registro histórico de uma época, pode revelar questionamentos e reflexões importantes de uma geração e de uma sociedade.

A metodologia proposta por Skinner abriu espaço para o estudo das “ideias em seu contexto” para o exercício de um contextualismo linguístico historicista.¹⁶ No entanto, Skinner foi alvo de inúmeras críticas com relação a temas como a intencionalidade do autor e ao fato dele não diferenciar a utilização dos *atos de fala* nos discursos orais e escritos. Esses questionamentos levaram o próprio Skinner a revisitar sua teoria. Mas sua contribuição é inegável tanto para estudos na área de análise do discurso, como por ter enfatizado o texto como uma construção histórica, uma ferramenta importante para o trabalho do historiador.

Analisar como a imprensa foi percebida pelos intelectuais românticos é um caminho para se compreender a razão desses homens serem tão fascinados por ela e pela possibilidade de poder expressar livremente seus ideais. A metodologia de

¹⁵ SKINNER, Q., *Significado y Comprensión en la Historia de las Ideas*, p. 152.

¹⁶ Cf. JASMIN, M.; G. e JÚNIOR, J. F. (Orgs.), *História dos Conceitos: Debates e Perspectivas*, p. 16.

Skinner revela a dificuldade do próprio exercício do historiador de olhar para os textos do passado e não encontrar os nossos próprios referenciais:

Exigir a la historia del pensamiento una solución a nuestros propios problemas inmediatos es cometer no simplemente una falacia metodologica, sino algo así como un error moral. Pero aprender del pasado – y de lo contrario no podemos aprender en absoluto – la distinción entre lo que es necesario y lo que es mero producto de nuestros dispositivos contingentes es aprender la clase de la autoconsciencia misma.¹⁷

Outra contribuição importante para a investigação são os trabalhos de J. G. A Pocock. Ele fala sobre a necessidade de uma análise do discurso político e do papel dos atores envolvidos dentro de um contexto histórico e linguístico. A questão que Pocock coloca é de que forma o discurso influenciou no debate político e na ação de atores históricos numa determinada época.

Segundo Pocock, o discurso é um processo dinâmico, no qual é necessário identificar a multiplicidade de atores envolvidos, as intenções por trás dos agentes que os proferem, assim como, apontar o público que se dirige o debate. O que interessa para o historiador do discurso são as performances do texto e a análise da tensão provocada pelos diferentes *atos de fala*. A linguagem tem o atributo tanto de continuidade como de transformação, ela sobrevive aos contextos em que os *lances* e *os atos de fala* foram inovando e modificando o entendimento de alguns termos e expressões.

Por ver as linguagens como algo que vai se formando ao longo do tempo, em resposta a muitas pressões externas e internas, o historiador não supõe que a linguagem do momento simplesmente denota, reflete ou é um efeito da experiência do momento. Mais propriamente, ela interage com a experiência e fornece as categorias, a gramática e a mentalidade por meio das quais a experiência tem de ser reconhecida e articulada.¹⁸

Através do discurso, o historiador pode observar como os integrantes de uma sociedade foram capazes de perceber uma determinada experiência e qual foi a reação, quais foram as respostas articuladas e efetivadas frente a um novo cenário político, cultural ou social. A abordagem linguística numa pesquisa pode

¹⁷ SKINNER, Q., *Significado y Comprensión en la História de las Ideas*, p. 191.

¹⁸ POCOCK, J. G. A., *Linguagens do Ideário Político*, p. 55 e 56.

revelar a colocação dos personagens dentro da cena política e o texto surgir como o espaço onde se confrontam as diferentes estratégias discursivas.¹⁹

A geração romântica de 1837 representa diferentes linguagens entrelaçadas por um conjunto de *intelligentsias* que formaram uma comunidade do discurso, constituída por múltiplas vozes que se expressavam através da retórica ou da literatura na época. Para Pocock, o autor habita um mundo historicamente determinado e o discurso de um momento representa uma série de linguagens, resultado da ação de diferentes interlocutores do mesmo cenário. É importante para o historiador observar como outros autores empregaram o mesmo idioma e efetuaram enunciações diversas; assim como, também apontar que utilização de uma única expressão é recorrente em diferentes textos e contextos. Diante de todo esse exercício, cabe ao pesquisador evitar o perigo de se tornar prisioneiro da sua própria interpretação. A recomendação apresentada por Pocock é fugir de uma “ilusão historiográfica”, na qual selecionamos indivíduos ilustres ou temas chaves para atribuir-lhes papéis e significados que nem sempre ocuparam no passado. Esses papéis devem ser apontados por aqueles que viveram na mesma época, que também são o próprio objeto do estudo da História.²⁰ Esses argumentos influenciaram toda a minha pesquisa, que visa analisar como o tema da imprensa foi observado, criticado e exaltado pelos intelectuais da geração romântica, principalmente, para um integrante desse movimento: o jovem da província de San Juan, Sarmiento.

Através dos estudos de Skinner e Pocock, é possível recuperar nos escritos de Sarmiento, elementos para discutir questões como civilização, opinião pública e liberdade de imprensa. Nas próximas páginas, percorrerei a primeira metade do século XIX para mostrar o papel dos periódicos como uma ferramenta essencial para a ação política. Irei enfatizar o perfil “periodista” de Sarmiento e destacar como o intelectual tratou o tema da imprensa em suas diferentes obras. O termo “periodista” será empregado para se referir inúmeras vezes ao autor. No entanto, é importante ressaltar que essa característica não abrange todas as faces da vida pública de um homem, que também atuou como escritor, educador e político,

¹⁹ Foi utilizado o artigo de Antoine Prost “*As Palavras*” publicado no livro “*Por uma História Política*”, organizada por René Rémond.

²⁰ Cf. POCOCK, J. G. A., *O Conceito de Linguagem e o Métier d'historien*, p.77.

exercendo cargos de extrema importância, como governador de província e presidente da República Argentina.

Ricardo Rojas no livro “*História da Literatura Argentina*” enfatiza, exatamente, o viés do autor como escritor da imprensa periódica. Rojas diz que o san juanino era um prosista didático, autor de ensaios e artigos escritos com propósito imediato e que seguiam a ordem do dia. Assinala que a obra de Sarmiento é periodística e militante, apresenta uma desordem dos fatos que ela mesma comenta ou ilumina, refletindo um século no qual “o periodista” teve uma expressiva atuação:

Nacido Sarmiento en 1811, un año después de la revolución emancipadora, vivió hasta después de 1880, año en que el proceso político de la evolución consitucional llega a su término. Desde su rincón provinciano, sale a correr la tierra, y llega a la presidencia después de haber viajado por ambos mundos. Su genio civil lo sustrae a sus letras puras, aunque su talento es de escritor, y se hace maestro, periodista y tribuno, es decir: escritor militante. Emigrado durante la época de Rosas, miró hasta lo hondo nuestro problema nacional, y, durante el siglo XIX, vió el proceso trágico de nuestra democracia desenvolverse paralelamente a su vida, reflejándose, él y su país, en las páginas de su obra.²¹

A pesquisa concentra-se no período de 1837-1852, da criação do Salão Literário de Buenos Aires, momento que marca o início da geração romântica, até o final do governo de Juan Manuel Rosas. Porém, a ênfase da documentação corresponde aos anos que vão de 1839 até a queda de Rosas, período de maior atuação de Sarmiento na imprensa. Para a realização da pesquisa, foram analisados os 52 volumes que compõem as obras completas do periodista no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e selecionados mais de trinta artigos.

Para complementar as informações contidas nos artigos de Sarmiento, foram consultadas inúmeras edições facsímile de periódicos da época, além de obras de outros importantes intelectuais românticos do período. Todo esse material contribuiu para recuperar um parte significativa da história da imprensa na Região do Prata.

O primeiro capítulo contextualiza a atuação inicial da geração romântica argentina, o cenário do governo Rosas, as restrições à liberdade de imprensa e as

²¹ ROJAS, R., *Historia de la Literatura Argentina*, p. 330.

legislações que influenciaram o crescimento ou a redução do panorama editorial na cidade de Buenos Aires. Nessa parte, foram analisados os diversos artigos de Sarmiento sobre o papel das publicações periódicas, escritos para jornais chilenos, durante o período que o autor esteve exilado em Santiago.

O segundo capítulo aprofunda o debate sobre as publicações periódicas entre Sarmiento e Alberdi na polêmica que os dois representantes da geração romântica travaram logo após a queda do governo de Juan Manuel Rosas. As expressões, os lances no discurso, as críticas de ambos autores, a atuação de uma “imprensa de guerra” frente a um novo cenário político e social na Argentina são os temas que compõem a segunda parte da pesquisa.

A geração romântica de 1837 e toda obra de Sarmiento são temas amplamente explorados em diversos estudos historiográficos, mas ainda são poucos os trabalhos sobre o papel da imprensa nesse momento. A importância de se recuperar essa história, é compreender não apenas como a elite letrada de um período pós-independência percebia a imprensa, mas, principalmente, como ela utilizava as palavras escritas para avançar nas suas finalidades políticas. Um estudo sobre o tema nos permite observar as diferentes visões, opiniões e projetos em jogo naquele momento. Mas também nos ajuda a apontar de que forma as ideias desses intelectuais marcaram a escrita da História e influenciaram toda uma geração.